

KARL POPPER E O PRAGMATISMO

George Browne Rêgo

Popper: o Falibilismo, a Racionalidade e a Resolução de Problemas

Em 1929, um grupo de jovens pensadores organizou o Círculo de Viena. Dele fizeram parte Moritz, Schilick, Rudolf Carnap, Neurath, Wittgenstein e outros. Karl Popper eventualmente participou do grupo, mas há uma enorme distância entre suas idéias e as desenvolvidas pelo Círculo Vienense. Na mesma época, durante um Congresso Internacional, um grupo de eslavistas famosos, na maior parte russos, formou o Círculo Lingüístico de Praga, ao qual se integrou o grande Roman Jakobson. Em 1932, durante um Congresso, o Círculo recebeu o nome de "Escola de Praga", como ficou conhecido. Anos depois, Jakobson criticou seriamente o estruturalismo tcheco, por não haver acrescentado aos estudos da linguagem uma dimensão filosófica, principalmente a fenomenologia. Mas, no Círculo de Viena, havia filósofos preocupados com os estudos da linguagem, entre eles, Wittgenstein, que viria a tornar-se, mais tarde, um forte crítico de Popper. O Círculo de Viena tinha como objetivo precípua estabelecer uma linha de demarcação entre o científico e o metafísico, assegurando que só as proposições que podem fisicamente ser verificadas são as que têm sentido. É o chamado Positivismo Lógico, que, após a ascensão do nazismo, foi dissolvido e seus remanescentes emigraram para os Estados Unidos e a Inglaterra, onde passaram a exercer enorme influência. Popper, em contrapartida, rejeitou esse conceito de demarcação. Para ele, os problemas metafísicos não só tinham significado como eram profundamente relevantes. Ademais, diferentemente dos

positivistas, Popper entendia que os enunciados científicos são hipotéticos e podem ser falseados, mas nunca verificados quanto ao seu caráter veritativo.

Na profunda crítica que desenvolve em torno do método indutivo, Popper pretende demonstrar que a hipótese se apóia na dedução, pois, sendo uma idéia, precede a observação, tornando-se o alicerce sobre o qual se assentam as teorias científicas. O nosso próprio aparato orgânico contém disposições inatas que, evolutivamente, vão incorporando propostas prévias, das quais se pode inferir algumas possíveis tentativas da solução dos problemas que suscitam, cada vez mais, respostas efetivas.

A teoria popperiana tem sido, assim, não poucas vezes, voluntária ou involuntariamente associada àquelas tendências positivistas que estiverem presentes no Círculo de Viena. Popper, insistentemente, se esforçou para demonstrar o seu afastamento dessa camisa de força positivista, embora, nesse particular, não tenha conseguido pleno êxito. A questão de fundo, coloca-se então na perspectiva de que, diferentemente dos positivistas lógicos, principalmente os chamados filósofos da linguagem ou analíticos, Popper admite a existência de problemas filosóficos genuínos e que estes não podem simplesmente ser reduzidos à linguagem vocabular, em seu estrito significado. Popper acredita que o problema central da Filosofia é o problema cosmológico. Tal sistema consiste na capacidade de entender o mundo, incluindo, como parte desse mundo, nós próprios e o nosso conhecimento.

Os analistas da linguagem acreditam que não existem problemas filosóficos genuínos, asseverando que os problemas de Filosofia, se existem, são problemas de uso de linguagem ou de significado de vocábulos. Eu, entretanto, acredito que exista pelo menos um problema filosófico no qual todos os homens de cultura estão interessados. É o problema da Cosmologia: o

problema de compreender o mundo – inclusive nós próprios e nosso conhecimento como parte do mundo. Segundo entendo, toda ciência é Cosmologia e, para mim, o interesse que tem a Filosofia, assim como o que tem a Ciência, reside apenas nas contribuições que elas trazem para a Cosmologia. Tanto a Filosofia como a Ciência perderiam, a meu ver, todo o atrativo, se abandonassem esse alvo. Reconhecidamente, compreender as funções da linguagem é uma parte relevante da compreensão do mundo; não o é, contudo, descartar nossos problemas como simples “charadas” lingüísticas.¹

Ao rejeitar a existência de uma genuína teoria do conhecimento, o Positivismo, conseqüentemente, também, rejeita uma metodologia, no sentido crítico que Popper utilizou. Considerando os problemas filosóficos como pseudoproblemas, os positivistas os destituem, assim, de qualquer significado. Ora, admite Popper, esvaziar um problema, reduzindo-o apenas àquele cuja origem limita-se ao âmbito das ciências experimentais, é esvaziá-lo de uma abordagem metodológica pura, autenticamente filosófica. Mas, além de curiosa, uma conseqüência dramática dessa postura restritiva é que os positivistas associaram-na, apesar dos argumentos contrários de Popper, ao seu próprio modo de interpretar o método científico. Os analistas da linguagem, por exemplo, pretendem ver a filosofia reduzida apenas às suas acepções simplesmente semânticas, inclinando-se, assim, para um terrível

¹ POPPER Karl, *The Logic of Scientific Discovery*, Harper Torch Books. New York. P-15. 1968. Ed. Portuguesa: *A Lógica da Pesquisa Científica*. Cultrix, São Paulo. P-535, 1968. It is the problem of cosmology: the problem of understanding the world – including ourselves, and our knowledge, as part of the world. All science is cosmology, I believe, and for me that interest of philosophy, no less than of science, lies solely in the contributions which it has made to it. For me, at any rate, both philosophy and science would lose all their attraction if they were to give up that pursuit. Admittedly, understanding the functions of our language is an important part of it; but explaining away our problems as merely linguistic ‘puzzles’ is not.

ceticismo que pretende esmagar, às expensas de uma crítica insuficiente, toda a tradição racionalista. Para Popper, a visão desses pensadores é reducionista. É atitude de resignação, de desespero e, não, uma convicção genuína. Não apenas porque limita todo conhecimento ao cientificismo, mas por pretender arruinar o papel da Filosofia em relação ao conhecimento do mundo. Em seu prefácio à edição inglesa de 1959 do livro *The Logic of Scientific Discovery*, Popper afirma:

Procurei mostrar que os mais importantes problemas tradicionais da Epistemologia – os que se relacionam com o crescimento do saber – transcendem os dois métodos-padrão de análise lingüística e reclamam a análise do conhecimento científico. A última coisa que desejo fazer, contudo, é advogar outro dogma. Mesmo a análise da ciência – a “Filosofia da Ciência” – está ameaçando transformar-se em moda, em especialismo. E os filósofos não devem ser especialistas. Quanto a mim, interesso-me por Ciência e por Filosofia apenas porque desejo aprender algo acerca do enigma do mundo em que vivemos e do enigma que é o conhecimento do homem acerca desse mundo. Entendo que só o ressurgimento do interesse por esses enigmas pode afastar a Ciência e a Filosofia de uma especialização estreita e de uma fé obscurantista na habilidade especializada do técnico e em seu conhecimento e autoridade pessoais. Uma fé que muito bem se adapta à nossa idade “pós-racionalista” e “pós-crítica”, orgulhosamente devotada a destruir a tradição da Filosofia racional e do próprio pensamento racional.²

² POPPER, Karl, *The Logic of Scientific Discovery*, IBID. P-22.

I have tried to show the most important of the traditional problems of epistemology – those connected with the growth of knowledge – transcend the two standard methods of linguistic analysis and require the analysis of scientific knowledge. But the last thing I wish to do, however, is to advocate another dogma. Even the analysis of science – the ‘philosophy of

Um importante pressuposto dessa série de considerações sobre a filosofia de Popper é a ênfase dada aos aspectos morais que espontaneamente emergem da própria natureza da sua filosofia. Popper insiste que o filosofar é inerente à natureza humana em sua generalidade. Para onde quer que o homem se dirija, seja na vida privada ou na vida pública, a antiga questão kantiana *quid júris?* (o que se deve fazer?) aflora, para demonstrar que algumas coisas parecem ser verdadeiras, outras falsas e outras ainda danosas. E é exatamente a dimensão crítica da Filosofia que vai nos auxiliar a perceber, com maior nitidez, a dimensão moral e intelectual das ações humanas. É nesse sentido que a filosofia popperiana, ao afastar-se de um especulativismo diletante, aproxima-se do Pragmatismo americano, tornando-se tão próximo a ele quanto distante do Positivismo. Embora não se possa afirmar que essa associação de Popper ao Positivismo seja proposital, não é ético que se procure, precipitadamente, filiar um pensador de tal envergadura aos estreitos limites de uma filosofia que ele próprio, apoiado, inclusive, em sua profunda capacidade crítica, é o primeiro a rejeitar.

Por fim, e não menos importante, é o fato de que, para os positivistas lógicos, existe uma certa crença ingênua no progresso contínuo e cumulativo das ciências às expensas do próprio conceito de método indutivo. Aplicada tal estratégia às Ciências Sociais, é fácil entender que, necessariamente, elas irão resvalar para concepções deterministas e fatalistas da história, onde as ambições futuroológicas estão ao abrigo de qualquer atitude reflexiva e crítica diante da realidade.

science’ – is threatening to become a fashion, a specialism. Yet philosophers should not be specialists. For myself, I am interested in science and in philosophy only because I want to learn something about the riddle of the world in which we live, and the riddle of man’s knowledge of that world. And I believe that only a revival of interest in these riddles can save the sciences and philosophy from narrow specialization and from an obscurantist faith in the expert’s special skill, and in his personal knowledge and authority; a faith that so well fits our ‘post-rationalist’ and ‘post-critical’ age, proudly dedicated to the destruction of the tradition of rational philosophy, and of rational thought itself.

Popper tanto critica a indução repetitiva quanto aquela por eliminação. A primeira admite que, a partir de sucessivas observações que se vão repetindo, apresentando efeitos similares, se possa atingir um nível de generalização teórica. Ora, nenhum número de observações de cisnes brancos, segundo exemplo de Popper, a ser mencionado adiante, é capaz de assegurar que todos os cisnes são efetivamente brancos. A segunda, eliminatória, concerne ao método utilizado por Bacon e Mill, apoiado na hipótese de que a eliminação no processo de investigação de teorias falsas irá, conseqüentemente, conduzir à verdadeira explicação do problema.

Ora, a falácia - diz Popper - consiste em que o número de teorias que colidem entre si é infinito, implicando isto, logicamente, a existência de uma interminável gama de soluções possíveis para cada hipótese.

Um outro pressuposto da teoria popperiana é que não há observação desinteressada, neutra. A mente só trabalha à base de pressuposições prévias, embora nem sempre se tenha propriamente consciência disso.

Portanto, a observação não precede as hipóteses, como querem os indutivistas, mas a elas se sucedem. Há, assim, uma espécie de conhecimento inato, do qual se parte, mas que não se pode nele confiar absolutamente e que, em não atendendo às nossas expectativas, é responsável pela criação dos nossos problemas que certamente irão corrigir as nossas convicções antigas. Um problema é, portanto, uma expectativa desiludida.

Os problemas explodem justamente porque nós somos, além da memória biológica, seres culturais. Com efeito, quando um pedaço de 'memória', ou seja, uma expectativa (hipótese ou prejuízo) choca-se com outra expectativa ou com algum pedaço de realidade (ou fatos), então, temos um problema.

A pesquisa inicia-se com um problema, e o que a pesquisa intenta é solucioná-lo. Isto requer imaginação criadora, calçada em hipóteses ou conjecturas.

Popper faz uma distinção entre contexto da descoberta e contexto da justificação.

Uma coisa é o processo psicológico ou a gênese das idéias; outra coisa é a sua prova. As idéias científicas não têm uma origem privilegiada, ou seja, não são exclusivamente racionais. Elas podem nascer do mito, da metafísica, do sonho etc. Mas, para serem comprovadas, elas devem se tornar científicas e, portanto, prováveis e verificáveis racionalmente. Há uma continuidade entre os diferentes estágios do conhecimento, partindo de um plano pré-científico imaginativo, onírico, ou intuitivo, para o da verificabilidade lógica.

4. Implicações Pragmáticas no Pensamento Popperiano

O Falibilismo, inaugurado por Peirce, encontra um correlato na pós-modernidade pela obra de Popper.

A questão que de logo suscita uma discussão é a do sentido a ser adotado quanto ao próprio conceito de lei científica. O seu propósito é o de descrever ou explicar fenômenos naturais nas suas relações de causa e conseqüência. Uma distinção se faz pertinente entre esse tipo de lei e aquele de que falam os chamados cientistas sociais que utilizam o mesmo termo, embora com uma conotação específica. Para eles, a lei social tem um caráter prescritivo, podendo, por conseguinte, ser descumprida, uma vez que, sobre ela, incide o elemento volitivo, não presente quando se trata de teorias explicativas acerca da natureza. Por isso, Weber considerava que as hipóteses prescritivas não se podem chamar propriamente de leis. Seria mais adequado intitulá-las de *quase*-leis ou tendências. Essa distinção, entre leis explicativas e prescritivas,

já forã ressaltada pelos historicistas alemães, como Windelband, Rickert e Dilthey, que, dentre outros, apontavam para a distinção entre os métodos das ciências naturais (*Naturwissenschaft*) e sua contraposição: aqueles utilizados pelas ciências do espírito (*Geistwissenschaft*). Se as primeiras são de natureza explicativa por cingirem-se à determinação das causas que produzem os fenômenos e os efeitos por elas conseguidos, as segundas apóiam-se na compreensão, ou seja, na atividade da consciência relativamente ao fenômeno e na busca do saber até que ponto ele afeta as finalidades e os acontecimentos humanos. Em síntese, esse método constitui um mergulho radical nos fundamentos da razão e dos sentidos últimos do mundo, vis-à-vis o sujeito nele inserido. Filosoficamente, essa segunda alternativa tornou-se o cerne do que seria depois amplamente introduzido na Filosofia, sob a epígrafe de Filosofia Fenomenológica ou Método Fenomenológico. Esse método, como é sabido, consiste na postura epistemológica, originalmente apoiada nos achados científicos, resultantes do exercício da racionalidade. Dessa forma, o observador poderá transcender essa postura, transformando-a numa *Weltschuung* (visão do mundo), na qual o sujeito existente vem a tornar-se, eventualmente, o epicentro do *desideratum* último da investigação. Por outro lado, no que concerne ao método explicativo, a questão que se põe é saber sob que forma e em que medida os paradigmas da ciência, tanto clássica quanto moderna, foram capazes de produzir novas formas explicativas de entendimento da natureza da ciência.

As contribuições de Einstein, Heisenberg, Max Planck e outros, quebraram a espinha dorsal das interpretações cumulativas e irreversíveis do conhecimento, mercê da ilusão do indutivismo, já de algum tempo abalado em seus alicerces pelos argumentos demolidores de David Hume, para quem não existe possibilidade de validar procedimentos indutivos, uma vez que, qualquer que

seja o número de enunciados numa observação qualquer, isto não implicará que se chegue, do ponto de vista lógico, a um enunciado universal e irrestrito. Quando fenômenos se sucedem temporalmente, com regularidade, inúmeras vezes, a sua percepção é, segundo Hume, psicológica e não lógica e - continua ele - para o cientista, não há outra saída a não ser tratá-la como se estivesse adotando um procedimento indutivo.

Foi Popper, todavia, que deu sustentação ao problema da demarcação, do conhecimento e à utilização do método falibilista. Para Popper, existe uma discrepância lógica entre verificação e falseamento. Assim, as generalizações empíricas, pela sua impossibilidade de atingirem uma verificação plena, são sempre susceptíveis de refutação, ainda que não sejam demonstradas. Por conseguinte, para o pai do chamado Racionalismo Crítico, não há possibilidade de cientificamente demonstrar, de modo definitivo e necessário, o caráter veritativo de quaisquer tipos de asserções, mas, procurar apenas falseá-las, mantendo um contínuo processo de refutação de teorias e contrapondo-as, constantemente, aos fatos. Como adverte Kaufmann, é fácil perceber por trás dessa atitude metodológica a influência de Peirce:

Quando não é possível no longo prazo - "in the long run" - falsificar uma asserção, uma hipótese, uma teoria, etc., se justifica a suposição de sua veracidade, porque os nossos erros se anularam no longo prazo.³

O que, portanto, se pode inferir disso tudo é que há uma diferença entre os aspectos lógicos e metodológicos da investigação científica. A lógica, no exemplo abaixo, é racional e simples:

³ Kaufman e Hassener. *Introdução à Filosofia do Direito e a Teoria do Direito Contemporâneas*. Fundação Calauste Gulbenkian, Lisboa, 2002, p. 202.

É comum dizer-se "indutiva" uma inferência, caso ela conduza de enunciados singulares (pôr vezes denominados também enunciados "particulares"), tais como descrição dos resultados de observação ou experimentos, para enunciados universais, tais como hipóteses ou teorias. Ora, está longe de ser óbvio, de um ponto de vista lógico, haver justificativa no inferir enunciados universais de enunciados singulares, independentemente de quão numerosos sejam estes; com efeito, qualquer conclusão colhida desse modo sempre pode revelar-se falsa: independentemente de quantos casos de cisnes brancos possamos observar, isso não leva à conclusão de que todos os cisnes são brancos.⁴

Todavia, sob uma perspectiva metodológica, - afirma Popper - a situação se inverte, porquanto se se pode duvidar conclusivamente, do ponto de vista lógico, de uma lei científica, metodologicamente, isto será impossível, enquanto a proposição inicial do enunciado ainda mantiver algum resíduo de evidência. Por essa razão, Popper recomenda que as proposições científicas, sejam apresentadas de maneira clara e distinta, afastando-se assim, tanto quanto possível, das ambigüidades e tornando-se permanentemente abertas à refutação. Deste modo, através do princípio da falseação, verifica-se que, em havendo desacordo entre as experiências resultantes das proposições derivadas da teoria original, faz-se necessário descobrir novas explicações

⁴ Popper, Karl. *The Logic of Scientific Discovery*, IBID. P-27.

Edição Portuguesa: *A Lógica da Pesquisa Científica*. Cultrix, São Paulo. P-27-8. 1968
It is usual to call an inference 'inductive' if it passes from *singular statements* (sometimes also called 'particular' statements), such as accounts of the results of observations or experiments, to *universal statements*, such as hypotheses or theories.

Now it is far from obvious, from a logical point of view, that we are justified in inferring universal statements from singular ones, no matter how numerous; for any conclusion drawn in this way may always turn out to be false: no matter how many instances of white swans we may have observed, this does not justify the conclusion that all swans are white.

complementares que enriqueçam e consolidem, cada vez mais, a teoria, tornando-a mais resistente às tentativas de falseamento. Do ponto de vista das Ciências Sociais, a posição de Popper é coerente com a sua proposta metodológica para as Ciências Naturais. É nesse sentido que Popper não aceita métodos que tratem da problemática social sob uma perspectiva totalizadora. Para ele, as Ciências Sociais são trabalhadas de uma perspectiva interdisciplinar, na qual o cientista se serve do conhecimento produzido pelas diferentes áreas do saber. Assim, ele será capaz de produzir teorias da mesma forma como um engenheiro edifica e executa os seus projetos. Tudo se resume, em última análise, na resolução de problemas, na procura de soluções para questões socialmente problemáticas. Torna-se, assim, um engenheiro social, um formulador de políticas públicas de interesse da comunidade. Do ponto de vista epistemológico, Popper afirma que não existe uma forma lógica de conceber o conhecimento. Diz ele:

Será outro o caso se desejarmos reconstruir racionalmente as provas posteriores pelas quais se descobriu que a inspiração era uma descoberta ou veio a ser reconhecida como conhecimento. Na medida em que o cientista aprecie criticamente, altere ou rejeite sua própria inspiração, poderemos, se o desejarmos, encarar a análise metodológica levada a efeito como um tipo de "reconstrução racional" dos correspondentes processos mentais. Sem embargo, essa reconstrução não apresentaria tais processos como realmente ocorrem - ela pode apenas dar um esqueleto lógico do processo de prova. Contudo, talvez seja isso o que pretendem dizer

aqueles que falam de uma "reconstrução racional" das maneiras pelas quais adquirimos conhecimento.⁵

E, com base nessas premissas, conclui Popper:

Meus argumentos neste livro independem inteiramente desse problema. Todavia, a visão que tenho do assunto, valha o que valer, é a de que não existe um método lógico de conceber idéias novas ou de reconstruir logicamente esse processo. Minha maneira de ver pode ser expressa na afirmativa de que toda descoberta encerra um "elemento irracional" ou de "uma intuição criadora", no sentido de Bergson. De modo similar, Einstein fala da "busca daquelas leis universais (...) com base nas quais é possível obter, por dedução pura, uma imagem do universo. Não há caminho lógico", diz ele, "que leve a essas (...) leis. Elas só podem ser alcançadas por intuição, alicerçada em algo assim como um amor intelectual (*Einfühlung*) aos objetos de experiência."⁶

É a partir dessas considerações que Popper vai fazer a crítica ao historicismo e ao holismo. Advogando o caráter uníssono do

⁵ POPPER Karl, *The Logic of Scientific Discovery*, IBID. P-31-2.

Edição Portuguesa: *A Lógica da Pesquisa Científica*. Cultrix, São Paulo. P-32. 1968

It is another matter if we want to reconstruct rationally the *subsequent tests* whereby the inspiration may be discovered to be a discovery, or become know to be knowledge. In so far as the scientist critically judges, alters, or rejects his own inspiration we may, as we like, regard the methodological analysis undertaken here as a kind of 'rational reconstruction' of the corresponding thought processes. But this reconstruction would not describe these processes as they actually happen: it can give only a logical skeleton of the procedure of testing. Still, this is perhaps all that is meant by those who speak of a 'rational reconstruction' of the ways in which we gain knowledge.

⁶ Popper, Karl. IBID. P-32. Edição Portuguesa: *A Lógica da Pesquisa Científica*. Cultrix, São Paulo. P-32. 1968

It so happens that may arguments in this book are quite independent of this problem. However, my view of the matter, for what it is worth, is that there is no such thing as a logical method of having new ideas, or a logical reconstruction of this process. My view may be expressed by saying that every discovery contains 'an irrational element', or 'a creative intuition', in Bergson's sense. In a similar way Einstein speaks of the 'search for those highly universal laws... from which a picture of the world can be obtained by pure deduction. There is no logical path', he says, 'leading to these... laws. They can only be reached by intuition, based upon something like an intellectual love (*Einfühlung*) of the objects of experience

método científico, que se aplica tanto às Ciências Naturais quanto às Sociais sob forma gradualista, Popper rejeita essas duas interpretações da Sociologia do Conhecimento. O historicismo, admitindo que as Ciências Sociais têm a função e a possibilidade de captar as leis do desenvolvimento da evolução histórica da humanidade, almeja prever as ocorrências do futuro. Trata-se, no dizer de Popper, de profecias e não de predições científicas; incorre-se numa falácia metodológica que confunde leis científicas com tendências.

Já quanto aos holistas que entendem ser possível, intelectualmente, captar os acontecimentos sociais na sua totalidade, monitorando-os em suas consequências práticas, o erro aqui consiste em julgar que se pode apreender a totalidade. Entretanto, o máximo que se pode conseguir é, apenas, captar aspectos seletivos do real, os quais são, mesmo assim, constantemente falseáveis e inesgotáveis na sua manifestação. Por fim, é pertinente mencionar as colocações popperianas acerca da resolução de problemas.

VIVER É RESOLVER PROBLEMAS

Nos meados da década de 80, durante uma entrevista orientada por Franz Kreuzer, posteriormente divulgada pelas *Publicações Dom Quixote*, de Lisboa, Popper ao responder a questões extremamente complexas que lhe foram apresentadas, demonstrou a velocidade de seu pensamento ao recusar a idéia de que "viver é ensinar". Quem analisa a extensão da pergunta feita e a sintética resposta de Popper não pode colocar em dúvida a originalidade de seu raciocínio e a coerência de suas idéias, o que nos faz lembrar Spinoza, quando em certa passagem da *Ética* diz que "idéias inadequadas" são idéias confusas, idéias que encerram em estreitos limites o desenvolvimento de um modo de pensar, que se

afasta do senso comum, o único que permite ampla compreensão dos seres e objetos que nos rodeiam. Isso pode parecer ao leitor que este ensaio afasta-se agora do núcleo que o norteia – no caso o Pragmatismo – mas se tal lhe ocorre é porque é assim mesma a natureza do trabalho filosófico. Para Popper, a expressão – *Viver é resolver problemas* – aplica-se, apenas a uma espécie dos seres vivos, a saber, o homem, único ente capaz de filosofar. O trabalho da Filosofia é sempre uma atividade relacionada à erudição, entendido o termo no sentido de sabedoria, e não confundido com o *eruditismo* dos pedantes e diletantes. É preciso repetir que para Popper afirmar que *viver é resolver problemas* possibilita ao leitor observar o quanto há de pragmático na resposta desse pensador austríaco a Franz Kreuzer. Essa é a via que permitirá estabelecer uma ponte compreensiva entre o pensamento de Popper e de alguns aspectos já desenvolvidos por Peirce no seu original sistema pragmático.

Convém lembrar, como dizia Popper, que o mundo não apresenta problemas à natureza inanimada por não haver, nesse âmbito, problemas a resolver. Os problemas não são dissociados da vida, e é à vida que eles são propostos. Ser vivo é ter de resolver problemas a cada instante, pois, cessadas as funções vitais de determinado organismo, todos os seus problemas também deixam de existir. No mundo biológico, por exemplo, há problemas que existem há milhões de anos e que ainda não foram resolvidos. Só em meados do século XX, o homem descobriu a molécula que encerra o código genético da vida. Mas a solução desse problema gerou milhares de outros que confirmam, mais uma vez, o axioma de Popper: “Viver é resolver problemas”. Cada problema a ser resolvido exige uma teoria, e por isso há tantas teorias, já que as teorias surgem das tentativas de resolver questões emergentes entre a vida e o mundo. Toda tentativa de dominar o mundo traz consigo implicações teóricas. Para Popper, à luz do darwinismo,

foram necessários milhões de anos para que uma célula pudesse estabelecer todas as leis naturais que asseguram hoje sua existência. Para melhor entender o sentido desses argumentos, o mais indicado seria recomendar ao leitor uma revisitação aos próprios textos de Popper. Há Pragmatismo nas idéias de Popper, um Pragmatismo que não pode ser dissociado do Pragmatismo peirciano, até quando Peirce trata das teorias evolucionistas de Darwin. Este filósofo, como vimos antes, o fundador do Pragmatismo americano, preocupou-se, no seu esforço de entender os mistérios da natureza; com estabelecer princípios que pudessem justificar o curso evolutivo dos fenômenos no entrechoque das forças que, por um lado, impulsionam à continuidade, à coerência e ao progresso, distinguindo-as daquelas que, em contrapartida, perturbam e desagregam a seqüência, a estabilidade e a consistência dos fenômenos na sua marcha rumo ao devir. Os conceitos de *tiquismo*, *sinequismo* e *agapismo* espelham o esforço de Peirce nessa direção. Popper, similarmente, também se ocupou dessas questões, procurando dar-lhes, em certo sentido, uma conotação pragmática, questões que tanto descanso roubaram a Peirce, sempre ocupado em resolver problemas no âmbito da matemática ou da lógica simbólica.

5. Popper: A crítica ao totalitarismo e uma reflexão sobre a sociedade democrática de Direito

A crítica desenvolvida por Popper conduz a uma identificação das propostas metodológicas do historicismo e do holismo relativas às ideologias totalitárias. A filosofia historicista se opõe à concepção aberta de sociedade, por rejeitar o contínuo exercício crítico da razão, em todas as instâncias da vida social, na base de uma

análise racionalista ou racionalizante e democrática dos problemas. Só a democracia é capaz de promover o contínuo aperfeiçoamento das instituições sociais, proporcionando aos cidadãos desenvolverem críticas ao poder institucionalizado, ou mesmo destituí-lo, na hipótese de que esse venha a manifestar tendências totalitárias que comprometam a liberdade dos indivíduos e dos grupos sociais.

Para Popper, nada é mais importante do que o Direito, como sustentáculo da democracia, pois se esta vier a ruir, também com ela ruirá o estado de direito. Mesmo assim, o Direito constitui para os homens um sistema de valores e de crenças que manterá sempre acesa a esperança e a fé na teoria democrática, através do concurso crítico-racional dos indivíduos, na vigilância contínua contra as forças do totalitarismo. Lutar contra essas forças é uma questão complexa, uma vez que elas, inconscientemente, fazem parte da própria natureza humana. Em contrapartida, elas não controlam integralmente essa natureza. E o antídoto a essa tendência totalitarista, no homem, apóia-se naquilo que Popper denomina "a fé na razão". Porque a razão, para Popper, não é apenas algo de natureza puramente intelectual, neutra, indiferente, totalmente lógica: ela está impregnada de moralidade. Essa fé na racionalidade do homem é o ingrediente que forja o humanitarismo, metodologicamente concebido através de um racionalismo crítico. Esta visão popperiana repugna o irracionalismo totalitário que ele faz questão de denunciar nos sistemas fechados, como o nazi-fascismo, o stalinismo, caracterizados pelo seu desprezo à igualdade, à equidade, ao ideal de justiça e à insensibilidade às liberdades humanas fundamentais, tudo isso, apoiado num sistema jurídico democrático. É por essa razão que Popper critica tão acerbamente a proposta de Platão, contida na *República*, por entendê-la aristocrática, elitista, classista, autoritária e estagnada. Afastando-se de Sócrates, Platão, em

nenhum momento, associou-se às idéias do mestre, a quem deveu toda sua formação. Ao desviar-se do exemplo democrático de Sócrates, de sua preocupação com a *Polis*, com o aperfeiçoamento de suas leis e até pelo fato de, em nome delas, ter morrido, Platão tornou-se, no dizer de Popper, a antítese do pai da Filosofia Moral do Ocidente. E, assim, afirma ele, Platão torna-se o próprio Judas de Sócrates.

Para Popper, as instituições democráticas são exemplares. Preservá-las é dever de todo cidadão numa sociedade aberta. Por isso, é preciso estar atento, pois, já que as instituições são como as cidadelas fortificadas, poderão reagir e terão ânimo para tanto, desde que suas forças defensivas sejam qualitativamente eficazes na resistência e nobreza do caráter.

Os ideais humanísticos mais reverenciados por Karl Popper são a justiça e a liberdade. Ao hierarquizar tais valores, Popper coloca a liberdade em primeiro plano, considerando que, nas sociedades abertas, a liberdade de opinião conduz, naturalmente, a que as reformas fluam, incentivando e conscientizando assim, os cidadãos a, pelos canais democráticos, percorrerem as sendas que conduzem à justiça. Entretanto, em se tratando de sociedades autoritárias, onde predominam a tirania e a ditadura, as vias de acesso à liberdade de crítica se encontram obstruídas e, por conseguinte, o caminho da justiça, bloqueado. Numa sociedade dessa ordem, por não haver oxigenação democrática, direitos e privilégios limitam-se, tão somente àquela classe que comungue dos interesses que sirvam apenas ao poder, ou seja, os ligados aos desígnios dos próprios tiranos.

Por fim, ao analisar a problemática da sociologia do conhecimento, após uma exaustiva investigação das concepções totalitárias e historicistas de Platão, Hegel e Marx, Popper procura demonstrar como o método científico, aplicado na busca da objetividade, pode negligenciar o aspecto social que envolve a ciência, pois a ciência

não é um produto de mentes privilegiadas, isoladamente, mas fruto de uma cooperação entre muitas mentes para, num esforço comum, conquistar, progressivamente, níveis mais elevados do saber.

Assim, Popper define a objetividade científica como "a intersubjetividade do método científico". E sua eficácia depende do caráter público de suas experiências, de como é fundamental, através dessa síntese cooperativa, aglutinar os esforços, dirigindo-os a propósitos que, sendo científicos, são, ao mesmo tempo, de amplo alcance social e devem contar com o concurso do poder político para atingirem o seu desiderato.

Este aspecto do método científico mostra o que se pode obter por meio de instituições ideadas para tornar possível o controle público e pela expansão aberta da opinião pública, mesmo quando limitada a um círculo de especialistas. Apenas o poder político, quando é usado para suprimir a livre crítica, ou quando falha em protegê-la, é que pode prejudicar o funcionamento dessas instituições, de que, afinal, depende todo o progresso científico, tecnológico e político.⁷

Ao direcionar a problemática do método e da sua publicidade às Ciências Sociais, Popper procura justificar as razões históricas e psicológicas pelas quais tais ciências ainda mantêm uma distância considerável em relação às ciências naturais. Tais razões, Popper assim as enuncia:

É verdade que as ciências sociais ainda não atingiram plenamente essa publicidade de método. Isto se deve em parte à influência destruidora da inteligência de Aristóteles e Hegel, e em parte talvez também à sua falha em fazer uso dos instrumentos sociais da

⁷ POPPER, Karl R. *A Sociedade Democrática e seus Inimigos*. Itatiaia Ltda. B.H. 1959. p. 442.

objetividade científica. Assim, elas são realmente "ideologias totais", ou, para dizer de outro modo, alguns cientistas sociais são incapazes, e mesmo não desejosos, de falar uma linguagem comum. Mas a razão não está no interesse de classe e a cura não será uma síntese dialética hegeliana, nem a auto-análise. O único caminho aberto às ciências sociais é esquecerem tudo acerca dos fogos de artifício verbais e enfrentarem os problemas práticos de nosso tempo com o auxílio dos métodos teóricos que são fundamentalmente os mesmos em todas as ciências. Refiro-me aos métodos de ensaio e erro, de inventar hipóteses que possam ser praticamente comprovadas e de submetê-las a provas práticas. É necessária uma tecnologia social cujos resultados possam ser submetidos à prova da mecânica social gradual.⁸

Com efeito, o que resta considerar, se relacionarmos a concepção metodológica de Popper vis-à-vis, os ingredientes lógicos que estão, segundo ele, presentes em qualquer investigação científica, - seja ela no campo das Ciências Naturais ou Sociais e, mais especificamente o Direito, - é o seguinte: a Ciência do Direito não pode prescindir no seu *metier* do recurso da Lógica. Todavia, aquela noção tradicional de Lógica, segundo a qual, a chamada Lógica Formal não tinha, em si própria, referência à realidade objetiva, mas representava o estudo das leis do pensamento em si mesmo considerado, e desconectado, portanto, do mundo real, está hoje em pleno desuso. O pensamento não é algo como dizem os ingleses "out of the blue", mas, se relaciona às coisas do mundo, e, portanto, não é possível - digamos assim - engendrar o artifício de uma autonomia pela qual o pensamento possa estar

⁸ POPPER, Karl R. *A Sociedade Democrática e seus Inimigos*. Ed. Itatiaia Ltda. B.H. 1959. p. 445.

absolutamente dissociado da realidade. Muito menos, através dessa pretensa independência, reivindicar um estatuto de necessidade e universalidade, que aplique e explique a realidade natural, uma vez que essa, intrinsecamente, não se adequa a tais condições. A lógica, pela sua característica gnoseológica, funciona para o mundo da ciência como um esquema diretor, sempre susceptível de mudanças de rumo e reajustes. Peirce já afirmara que:

Cada obra de ciência suficientemente importante como para ser recordada después de algunas generaciones, suministra algún ejemplo del estado defectuoso del arte de razonar em el tiempo em que fue escrita; y cada paso decisivo em ciencias há sido una lección em lógica.

Essa referência a Peirce feita por Carlos Cossio no seu livro *Teoría Egológica del Derecho*, parece ter o propósito de explicitar, que só uma análise fenomenológica poderia efetivamente proceder, essa inclusão, e compatibilização entre a Lógica e a Teoria do Conhecimento.

Cossio esclarece esse entendimento afirmando:

Queremos aludir a lo siguiente: Se sabe hoy, ya, cuán errado fue decir que la Lógica formal era una Lógica vacía de toda referencia al objeto, pues al entenderla como el estudio de las leyes formales del mero pensamiento, se significaba que era el estudio del puro pensamiento, libre y en desconexión de todo objeto. Pero no es así, porque ontológicamente el pensamiento siempre es pensamiento como tal, ello es en función necesaria del objeto pensado. Lo único que ocurre es que la Lógica formal reduce al mínimo posible esta referencia y, en consecuencia, a sus efectos le basta suponer la noción de objeto en general, al cual y nada

más que al cual, en principio siempre se refiere. Una cosa es referirse a la noción vacía de objeto en general, y otra muy diversa es estar vacía de toda referencia y no referirse a objeto ninguno. Con esto se justifica por qué dijimos más arriba que la Lógica formal también es gnoseológica, es decir, engranaje y parte del conocimiento.⁹

Seguindo a mesma esteira de raciocínio, Aftalión e Vilanova, com a indiscutível autoridade intelectual que os caracteriza, entendem que - não obstante as restrições que alguns pensadores impõem à Fenomenologia, considerando-a como metodologicamente, não apta para cientificamente dar conta da problemática das ciências, - o método fenomenológico não é, de forma alguma, incompatível com a teoria epistemológica; antes, fenomenologia e método científico, complementam-se, na medida em que a primeira trata do conhecimento sob o prisma científico, *stricto sensu*, enquanto a segunda lida com o conhecimento do *senso* comum, no qual está implicitamente presente a consciência do homem com todas as suas implicações intencionais. Citando Popper, acerca da pretensa separação feita pelos essencialistas entre o mundo real e o das aparências, Aftalión e Vilanova endossam a assertiva daquele pensador, segundo a qual:

nos vemos conduzidos a considerar a esses mundos, incluindo nosso mundo ordinário, como igualmente reais; ou melhor, talvez como aspectos ou capas igualmente reais de um mundo real.¹⁰

Tais considerações nos conduzem a desenvolver e aprofundar essa reflexão sobre as implicações do pensamento pragmático, estendendo-a às raízes psicológicas do pensamento de William

⁹ COSSIO, Carlos. *Teoría Egológica del Derecho*. Abelardo Perrot. 1964, p.p. 381-2.

¹⁰ AFTALIÓN, Enrique R. Vilanova, José. *Introducción al Derecho*. Ed. Abeledo-Perrot, 1994, p.143.

James. Procurou-se, então, demonstrar que a corrente da consciência (stream of consciousness) desempenhou um papel, até certo ponto, precursor, da corrente fenomenológica europeia. Tudo isso confirma, na obra de Popper, uma presença oculta, nem por isso indetectável, e muito menos irrelevante, de reminiscências do Pragmatismo. Uma obra da invergadura intelectual como é a de Popper, por sua vastidão e profundidade, necessariamente está embebida de seivas dos mais diversos ramos do saber científico e filosófico. Como Popper, já houvera explicitado em várias de suas obras, o problema cosmológico, representa o núcleo central, para o qual converge toda sua preocupação investigativa. A Cosmologia, envolve, como um todo, as coisas do mundo, inclusive o homem, em especial no que concerne à sua consciência, ponto ômega, poder-se-ia dizer, de toda essa totalidade, na qual a mente representaria a criação suprema de toda a natureza.

O POSITIVISMO CULTURALISTA DA ESCOLA DO RECIFE

João Maurício Adeodato

Sumário: 1. O debate das idéias no Brasil da época. 2. As bases filosóficas e jurídicas da Escola. 3. A evolução do pensamento da Escola do Recife. 4. A doutrina filosófico-jurídica. 5. Críticas com a visão de hoje. (Bibliografia).

1. O debate das idéias no Brasil da época

O pensamento brasileiro tem sido negligenciado pelos juristas. A filosofia, entre vários outros papéis, também tem por função consolidar a identidade de uma cultura. E pode-se dizer que, hoje, o Brasil já tem um passado jusfilosófico¹. Este trabalho tem por objetivo introduzir o leitor, interessado na história das idéias jurídicas no Brasil, no movimento intelectual iniciado no século XIX na Faculdade de Direito do Recife - por isso chamado "Escola do Recife".

Deve-se a Sylvio Romero o termo, usado para designar o movimento intelectual que começou por volta de 1860 e foi até o começo do século XX. Reinavam na Faculdade o espiritualismo aristotélico-tomista, uma filosofia idealista e eclética, assim como as idéias monárquicas e a tradição do feudalismo nordestino, dos senhores de terras explorando os trabalhadores; vigorava também um certo romantismo no plano intelectual, e a mentalidade geral era conservadora. Começa então, no dizer de Sylvio Romero, "um surto de idéias novas a assolar o país", buscando os jovens

¹ Miguel Reale: *Estudos de filosofia brasileira*. Lisboa: Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, 1994, p. 31-51. Sylvio Romero: *Teoria, crítica e história literária*. Seleção e apresentação de Antonio Candido. São Paulo: EDUSP, 1978, p. 17-24, transcrevendo *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902-1903, p. 101-109.